

Henrique Cláudio de Lima Vaz: Do Pensamento Tomista ao Pensamento Tomásico

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato
Grosso.

Introdução

Henrique Cláudio de Lima Vaz (1921-2002) é considerado o mais criterioso historiador da filosofia no Brasil. Além de estudioso da filosofia, foi filósofo na acepção mais clássica da palavra. Trata-se do único pensador brasileiro que teve a sua obra tomada como tese de doutorado na Itália. Se nascido na França, afirmam alguns, com certeza não teria precisado “tirar o chapéu” para nenhum dos seus contemporâneos. Na verdade, a profundidade da sua influência no nosso meio, deu-se, entre outras coisas, em razão da sua vastíssima cultura e erudição filosófica que, de resto, já bastariam para colocá-lo entre os principais pensadores cristãos dos últimos tempos. Nascido em Ouro Preto, Minas Gerais, em agosto de 1921, Lima Vaz entrou para a *Companhia de Jesus* em 1938. Ordenado sacerdote em 1948, formou-se em Filosofia (1945) pela *Faculdade Pontifícia de Filosofia da Companhia de Jesus*, com sede em Nova Friburgo, Rio de Janeiro. Lá recebeu uma formação filosófica estritamente escolástica. No entanto, o seu pensamento jamais se restringiu aos escolásticos, nunca se ateu a eles, nem mesmo a Tomás de Aquino. Em 1950, começou o seu doutorado em *Filosofia* pela *Gregoriana* de Roma, onde obteve o título de *Doutor* com a tese: *Sobre a Contemplação e a Dialética nos Diálogos de Platão*. Sofreu grande influência do seu confrade mundialmente conhecido, o polêmico teólogo jesuíta Henri de Lubac.

Quando voltou ao Brasil, já doutorado, começou o seu magistério na própria *Universidade de Nova Friburgo*. Em 1955, novas linhas de interesse abriram-se ao jovem Pe. Vaz, que iniciou um aprofundamento no pensamento dos filósofos modernos e a sua filiação ao *pensamento hegeliano* tornou-se patente. Em 1964, deixou Nova Friburgo e passou a lecionar na *Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais*. No ano do

sétimo centenário da morte de Tomás de Aquino, voltou a debruçar-se sobre os textos do Aquinate – do qual, confessa, nunca se afastou completamente –, mas tinha, então, um interesse bem preciso, a saber, buscar a *atualidade da obra* deste pensador de época e cultura tão longínquas. De fato, Lima Vaz foi um dos responsáveis pela introdução – dentro do universo *acadêmico brasileiro* – da distinção entre o *thomasiches denken* (“pensamento tomasiano”) e o tradicional *thomistiches denken* (“pensamento tomista”). Pe. Vaz exerceu ainda o seu magistério na *Faculdade de Filosofia da Companhia de Jesus*, em Belo Horizonte, instituição da qual também se tornou *diretor*. Morreu em 23 de maio de 2002, na capital de Minas Gerais.

Neste artigo apresentaremos uma reflexão de Lima Vaz acerca da presença do pensamento de Tomás de Aquino no século XX. Antes de tudo, a razão pela qual a necessidade deste novo modo de presença se impôs. Em seguida, os perfis desta nova presença no cenário intelectual do nosso tempo. Depois, quais traços destes perfis obtiveram maior êxito e qual deles prevalecerá nas gerações vindouras. Seguir-se-ão as considerações finais sobre o texto. Da *Coleção Filosofia das Edições Loyola*, servir-nos-ão de aportes teóricos: *III Filosofia e Cultura* (1997), com o texto: *Tomás de Aquino: Do ser ao Absoluto*, e *VII Raízes da Modernidade* (2002), com o texto: *Presença de Tomás de Aquino no Horizonte Filosófico do Século XII*.

Passemos às razões pelas quais se desencadeou uma nova forma de presença do pensamento tomásico no século passado.

1. O pensamento tomásico no século XX

Neste artigo, o que nos interessa no pensamento do Pe. Vaz, é o seu estudo sobre a influência exercida por uma nova forma de presença do pensamento de Tomás de Aquino no século XX: “(...) podemos dizer que a obra filosófico-teológica do Mestre medieval passa a conhecer, ao longo do século XX, uma forma de presença qualitativamente nova (...)”¹. Ora, esta nova forma de presença do pensamento tomásico manifesta-se, antes de tudo, como uma

¹ VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade**. Rev. Marcos Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 245.

tentativa de “(...) assegurar a sua atualidade no campo filosófico-teológico e na cultura em geral desses últimos cem anos”².

Com efeito, a necessidade de uma renovação nos estudos das obras de Tomás de Aquino procedeu da *crise* do *tomismo barroco*, que se encontrava quase encurralado, porque incapaz de oferecer respostas satisfatórias às novas exigências da cultura e da própria filosofia moderna. Após o pontificado de Pio IX e o duro confronto com o *Iluminismo*, o *Positivismo* e a *Teologia liberal protestante* – conflito que se prolongou até o limiar do *Concílio Vaticano I* – deu-se início, no seio da Igreja, a um novo modo de tentar salvaguardar a validade do pensamento tomasiano, desta feita, por uma sábia mudança de orientação, que consistiu, primeiramente, numa certa abertura – afinal, ainda muito tímida – para um diálogo com a nova cultura que se impunha.³ Ora, esta nova estratégia apontava para uma atitude de acolhimento, por parte da Igreja, das legítimas conquistas da modernidade. Marca emblemática destes novos tempos que se anunciavam foi a célebre *Encíclica* leonina *Aeterni Patris*, onde o Pontífice já assinalava, positivamente, para estes aspectos mencionados. Na verdade, foi sob o influxo das diretrizes desta Encíclica que surgiu a chamada *neo-escolástica* e o chamado *neotomismo* ou o *tomismo moderno*.⁴ Portanto, foi primeiramente através da *neo-escolástica*, da qual proveio o *neotomismo*, que Tomás, com a sua obra filosófico-teológica, compareceu na cultura dos nossos dias: “(...) foi sob sua égide (da neo-escolástica) que, ao ser erigida como referência normativa do tomismo, a obra filosófico-teológica de Tomás de Aquino compareceu na cultura do século XX”⁵.

Importa salientar, além disso, que esta presença de Tomás em nosso século por meio da “neo-escolástica”, não foi caracterizada – no começo – por uma inovação na pesquisa das fontes ou do contexto histórico-cultural no qual viveu o grande mestre medieval.⁶ Antes, segundo propunha o próprio espírito da *Encíclica*, tal presença apresentou-se mais como uma postura de *abertura ao diálogo* – às vezes, diga-se de passagem, sem o devido preparo – com

² *Idem. Ibidem.*

³ *Idem. Ibidem:* “Depois do duro confronto com a cultura moderna, que se trava ao longo do pontificado de Pio IX e é relançado pelas correntes teológicas dominantes no Concílio Vaticano I, o pontificado de Leão XIII foi assinalado, desde os seus inícios, por uma sensível mudança de estratégia, em que à condenação inapelável sucedem os ainda tímidos ensaios de diálogo (...)”.

⁴ *Idem. Ibidem.* p. 246: “Foi, sem dúvida, obedecendo às diretrizes dessa célebre Encíclica e ao seu intento programático que se formou e fortaleceu na Igreja o movimento de idéias e ensinamento conhecido como *neo-escolástica*. (...) Interessa-nos sobretudo assinalar que foi no seio da *neo-escolástica* que se formou o chamado *tomismo* na sua versão moderna (...)”.

⁵ *Idem. Ibidem.*

⁶ *Idem. Ibidem:* “Obedecendo ao espírito da *neo-escolástica* e da própria encíclica *Aeterni Patris*, o *tomismo* não foi, primeiramente, um programa de investigação histórica ou de grandes comentários, como na escola tomasista clássica, destinado a fazer reviver, em seu teor literal, o pensamento de Tomás de Aquino (...)”.

a cultura moderna. Na verdade, esta tentativa de diálogo com o pensamento hodierno apresentava-se por meio de um desejo – nem sempre devidamente criterioso – de dar atualidade à doutrina de Tomás, fazendo com que ela encontrasse acolhida na cultura secular que se firmava cada vez mais. Afirmar a atualidade da doutrina Tomás; fazê-la, enfim, reconhecida diante do mundo moderno, eis o itinerário a que se propunha a “neo-escolástica”.⁷

Todavia, o caminho deste movimento foi tortuoso e, se não conseguiu impor-se diante das novas tendências, foi porque também encontrou um *universo intelectual* bem diferente daquele que enfrentou a *escola tomista* da tardia Idade Média ou aquele do mundo moderno ainda em construção, que permitiu um certo êxito ao renascimento do tomismo no século XVI. Com efeito, no século XX, já temos a *razão moderna* consolidada, com os seus pressupostos *metodológicos*, *gnosiológicos* e *metafísicos* bem definidos e uma estrutura realmente bastante sólida e coesa. Além disso, tem-se que ter presente que esta mesma razão moderna provinha de um espírito muitas vezes hostil ou ao menos em franca oposição ao da *antiguidade*, mormente, ao da Idade Média.⁸ Daí, pois, decorre o fato de o êxito da *neo-escolástica* ter sido apenas parcial e de muitos dos seus estudos não terem adquirido relevância, permanecendo mesmo à margem do universo *filosófico contemporâneo*.⁹ Donde a questão: como enfrentar este novo modelo de pensamento? Como adaptar o tomismo – sem perder de vista os seus constitutivos essenciais – aos novos postulados que se impõem com rigor, quando se quer entrar na *problemática intelectual* dos nossos coetâneos? Foi esta a verdadeira questão a que os “neo-escolásticos” nem sempre conseguiram responder adequadamente:

Em face ou dentro desse universo intelectual que a tradição do tomismo original não conhecera, como se comportaria o *tomismo* renovado do século XX?¹⁰

⁷ *Idem. Ibidem*: “O pensamento de Tomás de Aquino *repensado* no século XX e, como tal, reivindicando uma atualidade reconhecida e acolhida pela cultura secular: essa a ambição e esse o programa do *tomismo neo-escolástico*.”

⁸ *Idem. Ibidem*. p. 247: “No entanto, ao contrário da escola tomista clássica, na tarda Idade Média ou na segunda escolástica do século XVI, o *tomismo* do século XX, viu-se confrontado com um pensamento filosófico já plenamente amadurecido no clima intelectual da modernidade, rico de múltiplas correntes, fundado sobre pressupostos metodológicos, gnosiológicos, críticos e metafísicos firmemente estabelecidos fora do espaço conceptual no qual se edificaram a filosofia antiga e seus prolongamentos cristãos.”

⁹ *Idem. Ibidem*: “Embora o *establishment* filosófico nos principais países não tenha concedido às grandes obras de inspiração *tomista* senão uma importância marginal, apenas assinalada nas histórias da filosofia contemporânea (...)”.

¹⁰ *Idem. Ibidem*.

Passemos à análise dos perfis pelos quais esta nova presença do pensamento tomasiano manifestou-se no século XX.

2. Os perfis do pensamento tomasiano no século XX

Ora, ante esta grave questão, a própria neo-escolástica dividiu-se em outros tantos movimentos, nem sempre afins, conforme as várias respostas que foram sendo propostas para este problema fundamental. Ao menos três destas soluções prevaleceram a ponto de se destacarem quanto ao modo como foram elaborados e quanto à forma como reagiram ao mesmo desafio: “São três, assim, os perfis filosóficos de Santo Tomás que o século XX irá conhecer”¹¹.

O primeiro destes perfis e, deveras, o que mais predominou no *imaginário eclesial*, foi o de Tomás como “(...) Mestre de cujo ensinamento procedem as verdades normativas em última instância para o exercício, em clima cristão, da reflexão filosófica e teológica”¹². Segundo este modo de ver, a única forma de se demonstrar a atualidade do pensamento de Tomás, seria restituindo-lhe o teor original das teses e atribuindo-lhe, como *predicado inerente*, a *verdade*. De acordo com esta concepção, o único modelo capaz de dar a um sistema a qualidade de sistema filosófico perdurável seria o de uma *filosofia perene*, portadora de *princípios verdadeiros e perenes*. Só assim, acreditavam os sequazes desta perspectiva, poder-se-ia fazer com que o magistério do Aquinatense perdurasse, como um corpo de doutrina que permanece, mesmo ante as vicissitudes do tempo que incessantemente flui. Sendo assim, para a forma de pensar desta corrente, o caráter *trans-histórico* da *verdade* é o *pressuposto fundante* que asseguraria a *presença perene* de Tomás em nosso tempo. Na realidade, há uma única adaptação a ser feita com relação ao passado, qual seja, a *programática*, isto é, quanto ao modo de exposição dos tratados. Desta feita, a exposição do pensamento de Tomás submeter-se-ia aos critérios estabelecidos pelos postulados da *razão moderna*, ou seja, seguiria a ordem que esta propõe.¹³

¹¹ *Idem. Ibidem.*

¹² *Idem. Ibidem.*

¹³ *Idem. Ibidem:* “A primeira tendência parte da convicção de que o predicado da *verdade* inerente ao pensamento tomásico, restituído ao seu teor original e organizado segundo a ordem sistemática postulada pela razão moderna, assegura-lhe a única forma de presença compatível com a sua dignidade filosófica: a presença trans-histórica de uma *verdade* elevada das vicissitudes dos tempos.”

Agora bem, houve uma segunda tendência para se traçar um perfil de Tomás no século XX. Esta se caracteriza por se propor entrar em diálogo com a cultura moderna, e se apresenta como sendo a portadora de um *sensu histórico* mais agudo, além de uma maior *sensibilidade* quanto à exigência de se comprovarem os *títulos de veracidade* que os seguidores de Tomás sempre lhe reivindicaram. Prevalece, pois, neste segundo perfil, a tentativa perseverante do diálogo com a cultura filosófica atual, numa disposição sempre renovada para se discutirem os seus problemas. Nela, a *verdade* que, na tendência anterior, era um *pressuposto inquestionável*, torna-se algo a ser justificado, porque se vê sempre impelida a demonstrar a sua validade pelo confronto com as ideias do tempo presente.¹⁴

Ora, esta tendência subdivide-se em duas outras correntes que, de resto, complementam-se. De um lado, acentua-se o *aspecto teórico*, mais preocupado em estabelecer este diálogo entre as teses basilares tomasianas e as perplexidades que preponderam em nosso tempo, buscando, assim, a atualização destas teses, no sentido de fazê-las estar em condições de oferecer respostas às grandes interrogações do presente. Esta aproximação das doutrinas tomasianas dos problemas do nosso tempo, tentou-se fazê-la através de um instrumental fornecido pelas próprias obras de Tomás e mediante o auxílio da tradição dos grandes comentadores.¹⁵ A outra vertente desta segunda tendência, investe mais na fiel *reconstituição histórica* do pensamento do Aquinate. Nesta perspectiva, a reconstrução histórica da obra tomásica, ao mesmo tempo que inserirá Tomás dentro do contexto da *história da filosofia*, apontando-nos qual seja a sua original contribuição dentro desta, far-nos-á vislumbrar, além disso, os aspectos do seu pensamento que, no presente, influenciam ou encontram ressonâncias nas vigências filosóficas atuais. Segundo esta linha de pensamento, ao se seguir este procedimento de reconstituição histórica, perceber-se-á uma continuidade de ideias que remontam ao pensamento do Frade de Roccasecca, o que nos permitirá, então, descobrir quais destas ideias ainda encontram repercussão entre os nossos coevos. Ademais, imaginavam também os adeptos desta linha que, mediante este método, poder-se-á reconstruir uma espécie de *ciclo evolutivo* de *ideias geratrizes* do nosso *universo filosófico ocidental*, no qual se poderiam localizar aquelas ideias que nasceram na reflexão do Frade Dominicano ou passaram pela sua pena, o que facilitaria um maior reconhecimento das suas contribuições.

¹⁴ *Idem. Ibidem.* p. 248: “A segunda tendência caracteriza-se por um *sensu* mais agudo da história e pela consciência de que a *verdade* do ensinamento tomásico, que não é posta em discussão, deve, no entanto, comprovar os seus títulos de validade no confronto vivo com as idéias filosóficas modernas.”

¹⁵ *Idem. Ibidem:* “A primeira linha acentua o perfil *teórico* do pensamento de Tomás de Aquino, transmitido pelas suas obras e pela tradição dos grandes comentadores, como aquele que poderá legitimamente reivindicar um lugar no mundo filosófico do século XX.”

Donde o retorno a Tomás, neste contexto, tornar-se uma indústria indispensável até para que compreendamos melhor a própria *filosofia moderna* em sua *gênese*. Por fim, tal discurso apresenta ainda a seguinte vantagem: está em condições de apontar para aspectos do pensamento tomasiano até então obscurecidos pela própria tradição.¹⁶ Esta tendência, preconizada pelos mestres franceses – Jacques Maritain (a linha teórica) e Etienne Gilson (a linha histórica), além de pelo alemão Joseph Pieper – foi a principal responsável pela presença de Tomás no universo *acadêmico laico* e pela posição de significativa relevância que o seu pensamento passou a ocupar dentro da *História da Filosofia Ocidental*.¹⁷ Aliás, foi sob o influxo também desta tendência que se adotou a distinção entre *pensamento tomista* (*thomistisches Denken*) – que passou a identificar as diversas escolas tomistas – e *pensamento tomásico* (*thomasiches Denken*), que se tornou representativo dos pensadores desta última tendência e um indicativo referente ao que, historicamente, legou-nos Tomás de Aquino.¹⁸

Por fim, existe um *terceiro perfil* de Frei Tomás. Deveras, o mais ousado de todos: tanto pelos riscos inerentes que corria, quanto pelo descortino com que penetrava e se aproximava da *cultura contemporânea*, abordando-a a partir do ponto de vista das grandes lições do pensamento tomásico. Na verdade, esta tendência consiste numa tentativa de mostrar como as opções teóricas de Tomás já esboçavam *soluções antecipadas* e perfeitamente *aplicáveis* às questões mais *emblemáticas* que abalariam à *escolástica decadente*, dando ensejo ao evento epocal da modernidade.¹⁹ Tal projeto se fundamenta, evidentemente, numa releitura audaz e original dos textos do doutor medieval, no sentido de transpô-los para o *universo do pensamento moderno*, com a finalidade de poder salientar a

¹⁶ *Idem. Ibidem*: “A segunda confia no pressuposto de que a rigorosa reconstituição *histórica* do pensamento original de Tomás de Aquino, freqüentemente obscurecido pela tradição, ao mesmo tempo em que permitirá definir sua situação eminente na história da filosofia, irá mostrar a perfeita atualidade e a fecundidade das grandes teses filosóficas genuinamente tomásicas.”

¹⁷ *Idem. Ibidem*: “A esses dois notáveis pensadores (Maritain e Gilson), aos quais convém acrescentar o nome de Joseph Pieper na Alemanha, deve-se em grande parte a presença de Tomás de Aquino para além do âmbito da cultura propriamente eclesiástica e o reconhecimento da importância do seu pensamento na tradição filosófica ocidental.” (O parêntese é nosso).

¹⁸ *Idem. Ibidem*: “Foi, aliás, sob o influxo dessa segunda tendência que se estabeleceu a distinção, hoje corrente, entre o ‘pensamento tomásico’ (*thomasiches Denken*), que se pode historicamente atribuir a Tomás de Aquino, e o ‘pensamento tomista’ (*thomistisches Denken*), representado pelas diversas variantes da escola tomista ao longo do tempo.”

¹⁹ *Idem. Ibidem*. pp. 248 e 249: “Uma terceira tendência deve ser finalmente mencionada, talvez a mais representativa em termos de sensibilidade para com os problemas da cultura pós-medieval, e cujo propósito declarado é o de traçar o perfil filosófico de Tomás dentro das coordenadas teóricas do pensamento moderno, traduzindo-se no intento de mostrar, nas grandes opções tomásicas no campo da filosofia, indicações ou antecipações em ordem à solução de problemas levantados a partir da instauração cartesiana de um novo ciclo histórico do filosofar.”

relevância da herança intelectual tomásica para o esclarecimento de problemas capitais postos em voga somente no cenário intelectual pós-medieval.²⁰

Para Lima Vaz, será este o perfil de Tomás que prevalecerá no contexto cultural do século XXI. Parece-lhe, inclusive, ser este Tomás o que mais se mostra apto para dar uma contribuição substancial diante das perplexidades que assolam a nossa contemporaneidade:

Mas é, sem dúvida, o perfil do Mestre medieval em seu diálogo com os grandes nomes do calendário filosófico moderno, aquele que conserva para nós atualidade mais viva e que nos convida a antecipar, de alguma maneira, sua presença no horizonte filosófico do século XXI.²¹

Passemos à análise do juízo crítico de Lima Vaz no que concerne a estes perfis.

3. Juízo crítico e conclusivo acerca do pensamento de Tomás

A *neo-escolástica*, em todas as suas tendências, deixou-nos algumas lições importantes. Primeiramente, na concepção de Lima Vaz, é preciso distinguir, nos estudos sobre Tomás de Aquino, o *tomismo*. Tal escola deve passar a ser definida como aquele *corpo de doutrina* com teses bem definidas que, a partir da canonização de Santo Tomás, em 1326 – e, mais ainda, quando da sua proclamação como *Doutor Ecclesiae* por Pio V, em 1567 – tornou-se, por assim dizer, o reflexo, no tempo que incessantemente flui, da eternidade da verdade. Deste modo, o *tomismo* apresenta, sobretudo, um Tomás *a-histórico*.²² Deveras, sob a égide desta forma de pensar a obra de Tomás, produziu-se não mais que uma *literatura* de valor desigual, que acabou por isolar o grande pensador medieval da própria história da filosofia, e que, de resto, tolheu a investigação de qual fosse a real herança que o Frade Dominicano deixou à tradição filosófica ocidental. Desta maneira, impediu-se que Tomás

²⁰ *Idem. Ibidem.* p. 249: “Com efeito, os tomistas que empreenderam essa como que migração para as novas terras filosóficas tiveram como meta fundamental repensar a herança doutrinal tomásica, inserindo-a, de alguma maneira, na lógica das grandes intuições geratrizes do universo filosófico da modernidade.”

²¹ *Idem. Ibidem.*

²² VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 1997. p. 291: “De outro lado, a partir da sua canonização em 1326 e da sua proclamação como *Doutor Ecclesiae* em 1567, Tomás de Aquino é alçado a uma espécie de pedestal a-histórico, traduzindo-se na codificação *ne varietur* de um corpo de teses e doutrinas que recebeu o nome de *tomismo*, e que foi tido pelos mais fiéis adeptos como o reflexo imóvel, no tempo que incessantemente flui, da eternidade da verdade.”

comparecesse, salvo por aparições, ao confronto de ideias entre os pensadores, que é o que dá vazão à permanência e à atualidade das reflexões no universo filosófico.²³

De fato, se quisermos verificar qual seja a verdadeira estatura de Tomás de Aquino é preciso deixá-lo entrar na história da filosofia, e isto se faz quando permitimos que ele venha até nós na sua legítima estatura de homem. É mister fazê-lo descer do céu. Sem negar o “santo”, urge examinar a obra do homem Tomás. Segundo Vaz, será somente por meio desta encarnação de Tomás na vida e na história, que se assegurará a atualidade do seu pensamento entre nós:

Esta encarnação na vida faz descer o *corpus* doutrinal tomásico do céu a-histórico onde se pretendeu fixá-lo; e é o do seio da história vivida que se elevam a sua verdadeira grandeza e a sua significação para os séculos que hão de vir.²⁴

Deste ponto de vista, “(...) o tópico ‘Tomás de Aquino e a história’ passa a ser o prolegômeno obrigatório para o estudo do pensamento tomásico”²⁵. Contudo, esta inserção de Tomás de Aquino na história não se restringe apenas em mantê-lo em diálogo franco e aberto com a história da filosofia em geral, mas, antes de qualquer coisa, tem-se que reconciliá-lo também com o seu próprio tempo. Não se pode negar que em nosso século, ao menos no seu primeiro quartel, foi-se construindo uma vasta obra historiográfica sobre a Idade Média, particularmente sobre o seu pensamento filosófico. No entanto, toda esta avantajada bibliografia, que obteve inegáveis méritos, viu-se poderosamente influenciada por um pressuposto – este sim, nem sempre fecundo –, que se resume no seguinte: a existência, no medievo, de um hipotético movimento de síntese filosófico-teológica, empreendido por vários pensadores e que teria alcançado o seu ápice na obra de Tomás de Aquino. Ora, tal pressuposto levava no seu bojo ainda outra ideia, também ela nem sempre produtiva, a saber, tomar como *chave de leitura* de todo o universo intelectual medieval a síntese tomásica. A este movimento, deu-se exatamente o nome de *escolástica* e à tentativa de reconstruí-lo em nosso tempo – sob a influência direta da *Encíclica Aeterni Patris* – chamou-se comumente *neo-escolástica*.²⁶

²³ *Idem. Ibidem*: “Esta eternidade, porém, não produziu outro reflexo no tempo senão uma literatura de comentadores e manuais *ad mentem Sancti Thomae*, que parecia querer subtrair a herança viva do grande pensador medieval ao confronto criador com a história e à própria dessa hermenêutica rememorativa que assegura a uma grande obra filosófica do passado sua permanente atualidade.”

²⁴ *Idem. Ibidem*. p. 293.

²⁵ *Idem. Ibidem*. p. 292.

Ora, esta opção de leitura, esta forma de ler os medievais desde os píncaros da síntese tomasiana, conquanto tenha as suas incontestes vantagens, encontra também enormes e desproporcionais riscos. De fato, permanece sempre o perigo de se simplificar uma história intelectual que foi muito mais rica e complexa, além do perigo de colocar na penumbra outros grandes autores e uma diversidade de temas: “No entanto, há aqui, por um lado um risco de simplificação, por outro o de lançar na sombra temas e figuras historicamente importantes”²⁷. Então, finalmente: qual o melhor modo de entrarmos em Tomás, de inserirmo-nos em seu pensamento? Novamente, vemo-nos, de certa forma, reduzidos às fontes, bem como ao ambiente universitário e às inquietações que motivaram as obras que Tomás escreveu. É mister investigarmos também a forma e para quem escreveu, atendo-nos um pouco mais à cronologia das suas obras para, desta feita, conseguirmos discernir melhor qual foi a *intuição original* que animou o Aquinate, tornando-o ímpar e fundamentando o seu pensamento enquanto distinto de todos os outros. Para Lima Vaz, esta é a maneira mais justa de delimitarmos a singularidade e a eminência do sistema tomásico dentro da história *do pensamento ocidental* – máxime o da Idade Média – e é o que nos permitirá também definir a particular importância que este pensamento ocupa, hoje, no cenário da história intelectual do Ocidente.²⁸

Passemos às considerações finais deste trabalho.

²⁶ *Idem. Ibidem.* p. 300: “A historiografia do pensamento medieval e, particularmente, do pensamento filosófico na Idade Média na primeira metade desse século, conquanto tenha levado a cabo um enorme trabalho histórico-crítico, e um não menos vasto trabalho de hermenêutica doutrinal dessas fontes, foi poderosamente influenciada pela reconstrução teórica de uma hipotética síntese filosófico-teológica que teria então florescido, designada como “escolástica”, cuja reconstrução moderna recebeu o nome de “neo-escolástica” e inspirou-se no programa traçado por Leão XIII na *Aeterni Patris*. Essa reconstrução orientou-se no sentido de reconhecer um lugar central e eminente à obra de Tomás de Aquino e de ordenar a partir dela o universo intelectual da Idade Média.” *Idem. Ibidem*: “Com efeito, a operação historiográfica preliminar, para se obter uma visão unificada do século XIII consistiu numa tentativa de reconstituição de uma síntese filosófica comum aos grandes pensadores daquela época e que teria encontrado em Tomás de Aquino sua realização exemplar.”

²⁷ *Idem. Ibidem.*

²⁸ *Idem. Ibidem.* p. 31: “Buscar o reconhecimento da originalidade de Tomás de Aquino e a delimitação do seu lugar teórico na história da filosofia, bem como a sua significação na continuidade dessa história, não na hipotética reconstrução de um movimento doutrinal fluindo em sentido único, mas na luminosa presença, nos fundamentos do seu filosofar, de uma intuição metafísica, essa sim, única na sua nitidez e na sua profundidade, é situar-se numa perspectiva historicamente mais justa e num terreno incomparavelmente mais fecundo.”

Conclusão

Na perspectiva de Lima Vaz, Tomás foi inserido no pensamento contemporâneo por meio de uma forma de presença qualitativamente nova em relação ao *tomismo barroco*, que não resistiu às crises que se lhe impuseram o *iluminismo*, o *positivismo* e a *teologia liberal* de cunho protestante. Ante estes eventos e, sob o impulso da *Encíclica* leonina *Aeterni Patris*, os doutos no pensamento de Tomás vislumbraram a necessidade de uma abertura do pensamento tomásico frente às exigências teóricas, desde então consolidadas, da cultura moderna. Entretanto, quanto à forma como se daria este diálogo, dividiram-se os cautos. Surgiram, desta feita, ao menos três perfis de Tomás propostos pelos seus comentadores hodiernos. O primeiro perfil, mais conservador, apresentava um Tomás com os mesmos títulos de glória do passado e sob o epíteto de *príncipe dos escolásticos*. Para esta primeira linha de pensamento, a verdade era um predicado inerente à obra do Aquinate. Sua síntese, simplesmente a chave de leitura de toda a escolástica; sua obra, a perfeição à qual todas as outras tendiam. Do pensamento moderno, apenas a ordem de exposição devia ser adotada.

Houve um segundo perfil do Frade Mendicante. Nele, prevalecia a convicção da necessidade de um retorno às fontes, isto é, às obras de Tomás, para apresentá-lo como um personagem histórico, sujeito, destarte, às limitações do seu tempo e tudo o que esta acarreta. Urgia reconquistar, mediante um processo persuasivo, a nota de credibilidade que a sua obra impunha por si mesma e não impô-la aos espíritos hodiernos. Para uns, a própria reconstituição da obra de Tomás dentro do seu tempo, dar-nos-ia a conhecer o que devemos a ele e qual foi a sua real contribuição para a história da filosofia. Para outros, figurava-se necessário um confronto mais direto e uma aplicação mais positiva das teses tomásicas aos dilemas do nosso tempo. Foi este segundo perfil que encontrou mais acolhida no ambiente universitário laico do século XX. Agora bem, se o segundo perfil foi o que predominou no século passado, na concepção de Lima Vaz, será o terceiro perfil de Tomás que participará mais diretamente das correntes de pensamento do século XXI. Neste terceiro perfil, a um só tempo mais ousado e mais arriscado, molda-se a figura de um Tomás que, ao menos indiretamente, previu ou antecipou-se quanto às soluções de diversos problemas que só vieram a ser formulados explicitamente com o advento da modernidade. Comum aos dois perfis que vingaram, é a necessidade inelutável de se inserir Tomás na história e reconhecê-lo como homem do seu tempo.

BIBLIOGRAFIA

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Escritos de Filosofia III: Filosofia e Cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 1997. pp. 291 a 302.

_____. **Escritos de Filosofia VII: Raízes da Modernidade**. Rev. Marcos Marcionilo. São Paulo: Edições Loyola, 2002. pp. 245 a 250.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.